

Getúlio Vargas: marcas na memória de mulheres paulistas

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang*

RESUMO: Getúlio Vargas é um político que deixou marcas muito profundas na memória dos brasileiros de diferentes camadas sociais. Suscitou imagens as mais diversas – a do pai dos pobres para as camadas populares, do estadista para políticos e parentes, a do ditador perverso e rancoroso para paulistas de camada favorecida do Estado de São Paulo, imagem esta que é retrabalhada no decorrer do tempo, quando as obras do governo passam a ser consideradas e surge o estadista. Mostra o estudo que a História Oral trabalha com versões referidas a indivíduos e grupos sociologicamente qualificados, permitindo o conhecimento do período através de perspectivas variadas.

PALAVRAS-CHAVE: Getúlio Vargas – versões – memória reconstruída

O LUGAR DE MAIOR DESTAQUE na política do Brasil Republicano é, até hoje, seguramente ocupado por Getúlio Vargas, o Chefe de Estado que por mais tempo esteve à frente dos destinos do país, configurando uma imagem ainda presente na lembrança das pessoas que viveram o período, ou na memória que sobre ele se foi construindo, transmitindo e reconstruindo. Getúlio Vargas foi objeto de inúmeros estudos, suscitou imagens diversas e contraditórias, como a do *pai dos pobres*, do *estadista*, do *governante perverso*. Essas imagens, contudo, ligam-se basicamente a grupos de determinadas camadas sociais ou regiões do país, que viveram o tempo de Getúlio em condições distintas, constituindo diferentes versões. Buscamos captá-las através de um projeto de história oral, que permite a apreensão da realidade pela voz de pessoas que nela viveram, ou da memória que lhes foi transmitida, configurando uma rica possibilidade de conhecer versões referidas a grupos sociais diversos.

* Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – USP.

A CARREIRA POLÍTICA DE GETÚLIO

Getúlio Vargas nasceu em São Borja, Rio Grande do Sul, em 1882. Formado em Direito, ingressou na política em 1909 como deputado estadual, sendo reeleito para sucessivos mandatos. Em 1926, Vargas assumiu o Ministério da Fazenda na Presidência de Washington Luís, mas no ano seguinte foi eleito governador do Rio Grande do Sul. Candidato em 1929 à sucessão de Washington Luís pela Aliança Liberal, foi derrotado pelo candidato situacionista Júlio Prestes de Albuquerque. Entretanto, com a Revolução de 30, desencadeada pela contestação do resultado da eleição, assumiu o poder como Chefe do Governo Provisório. Pouco depois, ocorreu a Revolução Constitucionalista de 32, movimento armado em que o Estado de São Paulo se colocou contra o Governo Provisório instituído com a Revolução de 30. A revolução paulista foi vencida, mas eleições para a Assembléia Constituinte foram convocadas. Aprovada a Constituição em 1934, Getúlio Vargas foi eleito Presidente. Em 1937, decretou o Estado Novo, novo período autoritário que só terá fim em 1945 com a destituição do ditador. A elite política paulista lutou contra o Estado Novo. Em 1945, houve eleição para a Presidência da República e para a Assembléia Constituinte e, candidato a senador, Getúlio foi eleito pelo Rio Grande do Sul e por São Paulo. Em 1950, foi reconduzido à Presidência pelo voto popular. Em seu governo, as oposições se avolumaram e Getúlio, forçado à renúncia, optou pelo suicídio em 24 de agosto de 1954.

OUTROS ESTUDOS

A bibliografia sobre o período getulista é bastante extensa, tendo-se aqui optado por focalizar estudos que trabalharam com fontes orais. Vários autores que coletaram relatos referentes a questões políticas encontraram nelas a marcante presença de Getúlio Vargas.

O estudo de Ecléa Bosi versou sobre a memória. Trabalha com oito narrativas de velhos que moraram em São Paulo. Quanto aos acontecimentos políticos recordados, o tema recorrente nessas memórias é Getúlio Vargas. O Sr. Ariosto, garçom e florista, e D. Risoleta, cozinheira filha de escravos, lembram de Getúlio pelas leis trabalhistas que significaram um divisor de águas em suas histórias de vida e na dos trabalhadores. “Não tínhamos direito a férias, aposentadoria, licença médica, direito nenhum. Só depois veio o Getúlio, que Deus o abençoe” (...) “Antes do Getúlio tinha muita injustiça: a pessoa trabalhava sem aposentadoria, não tinha direito a nada (...) Ele criou a carteira de trabalho” (Bosi, 1979, p. 372). São pessoas de camadas populares que têm uma imagem bastante positiva de Ge-

túlio Vargas, vendo-o como o pai dos pobres, atribuindo a ele uma ação que lhes trouxe a esperança de um futuro melhor.

Teresa Pires do Rio Caldeira coletou trinta e três depoimentos junto a moradores de Vila das Camélias na periferia de São Paulo, buscando conhecer como estas pessoas concebiam seu lugar na sociedade, como funcionava esta mesma sociedade e como percebiam o Estado e o exercício do poder. A política é focalizada a partir das opiniões e representações de uma série de moradores. O político que aparece com maior destaque, Getúlio Vargas, está presente nas lembranças dos que viveram o período, ou como lenda transmitida, como o governante que “deu” aos trabalhadores todos os direitos. Destaca-se no estudo de Caldeira a observação de que para as mulheres entrevistadas a política é algo muito distante, imersas que estão na cotidianidade da vida privada. Os entrevistados de Caldeira são trabalhadores de baixa renda, em geral originários de outros Estados (Caldeira, 1984).

Antônio Torres Montenegro trabalhou com camadas populares do Recife. Para seus entrevistados, Getúlio foi o homem que “deu os direitos, a liberdade”, fixando-se na memória coletiva dessa população também a imagem do pai dos pobres. Esta lembrança é bem ilustrada pela fala de um depoente analfabeto, operário da construção civil: “Vou dizer uma coisa: foi o último que deu liberdade ao pequeno foi Getúlio Vargas. Foi quem inventou esse negócio de INPS para a gente... Foi... Getúlio Vargas, ele que deu o direito ao pequeno. Foi ele” (Montenegro, 1994, p. 104). Montenegro ressalta que esta imagem é nuançada pelos depoimentos de trabalhadores das mesmas camadas sociais, mas trabalhadores sindicalizados, que sentiram a perseguição por serem comunistas e vêem Getúlio como um ditador, referindo-se pois a uma outra imagem e a outra versão.

Valentina da Rocha Lima analisou depoimentos de políticos e de familiares de Getúlio Vargas, depoimentos estes coletados pelo CPDOC-FGV e deles extraiu as referências a Getúlio Vargas. A partir dos depoimentos da elite política, delineia um retrato extremamente favorável de Getúlio: era um líder, pacificador, homem de acordos, ambíguo, enigmático, dotado de grande habilidade, amante do poder, orientado por uma noção global dos problemas brasileiros, em suma, um estadista. Observa contudo a autora que não foram entrevistados políticos paulistas, cujos depoimentos certamente trariam outras cores ao retrato de Getúlio, dada a violenta oposição da elite política do Estado de São Paulo a este político no início dos anos 30 e durante o Estado Novo (Lima, 1986).

Nos estudos acima mencionados, a imagem de Getúlio *pai dos pobres* aparece nitidamente associada às camadas populares e a de Getúlio *estadista* com específicas características de personalidade, à elite política, ressaltando-se que o trabalho não incorpora depoimentos de políticos paulistas. São duas perspectivas,

referidas a diferentes posições de classe e às quais se associa a de *perseguidor* apontada por Montenegro, com referência a trabalhadores sindicalizados. Estas pesquisas não contemplam a opinião da elite paulista.

A PESQUISA

Considerando-se a oposição política do Estado de São Paulo a Getúlio, buscamos conhecer a imagem formada em São Paulo por famílias de camada social favorecida que aí viveram neste período, através da narrativa de mulheres. Optamos pelo estudo com mulheres dado seu papel no âmbito da família, a par do seu maior distanciamento do campo da política, pois apenas em 1932 o voto feminino foi reconhecido.

No âmbito da pesquisa *Família e Política em São Paulo*¹, trabalhamos com relatos orais de vida de mulheres nascidas no Estado de São Paulo em décadas diversas e que aí viveram no período getulista, observando-se que a camada social considerada é aquela a qual pertenciam quase todos os políticos paulistas. Por famílias de camada social favorecida, entendemos aquelas cujos membros tiveram acesso à instrução, a uma ocupação prestigiosa e desfrutavam de boas condições materiais de vida, em um país com altos índices de analfabetismo e distribuição desigual de renda. Não era objetivo da pesquisa trabalhar com elites econômicas ou políticas.

Foram entrevistadas mulheres com formas diversas de participação política: mulheres que pertenciam a famílias de políticos, mulheres que exerceram mandatos políticos no legislativo ou executivo, mulheres que participaram de associações cívicas, filantrópicas ou educativas e mulheres que eram apenas eleitoras.

Na pesquisa, que definimos como de história oral, buscamos registrar a experiência e as lembranças de pessoas que viveram o período em estudo. Coletamos relatos orais de vida, que distinguimos de histórias orais de vida e de depoimentos orais, tendo as duas primeiras formas sua referência na própria vida do narrador, enquanto a última, em fatos que presenciou ou sobre os quais detém informações. O relato oral de vida seria uma forma menos ampla que a história oral de vida, na medida em que o narrador sabe de antemão do interesse do pesquisador e dirige de certa forma seu relato para atender a tal propósito. A coleta de depoimentos, por outro lado, dirige-se para a obtenção de informações sobre determinado tema através da perspectiva do entrevistado (Lang, 1995).

Trabalhamos também com outras fontes de dados e com várias narrativas, acreditando na importância da complementaridade e da comparação, dimensão fundamental da análise sociológica e que corresponde à função analítica do rela-

tos orais, antecedida pela função exploratória e que encaminha a função expressiva, fases contudo que se entrelaçam no processo da pesquisa (Bertaux, 1989).

Não estamos em busca de uma verdade inquestionável, mas de versões, trabalhando com vários relatos. Já observara Maria Isaura Pereira de Queiroz que, nas ciências sociais, a história de vida não tem por finalidade 'estabelecer a verdade dos fatos', significando *o relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, podendo assim certificar. O crédito a respeito do que é narrado será testado, não pela credibilidade do narrador, mas sim pelo cotejo de seu relato com dados oriundos de outras variadas fontes, que mostrará sua convergência ou não* (Queiroz, 1991, p. 7).

Nas narrativas coletadas, os fatos políticos mencionados são de modo geral aqueles que significaram uma ruptura na rotina da vida cotidiana, como eleições e revoluções; os políticos lembrados são aqueles que atuaram no poder executivo, em geral os presidentes da República ou os que pertencem ao círculo de parentesco ou amizade das entrevistadas. A marca mais significativa nas memórias coletadas é seguramente constituída por Getúlio Vargas, mas a imagem encontrada foi completamente diversa das anteriormente referidas. Dentre os trinta relatos orais coletados, que traçam a trajetória da vida dessas mulheres e focalizam de modo especial a família e a vivência da política, selecionamos para os propósitos desta reflexão, aqueles que se referem a Getúlio Vargas. As entrevistadas, no decorrer do texto, são identificadas apenas pelo prenome.

As lembranças referentes à política marcam-se pela posição da família face aos fatos e personalidades atuantes neste campo. Getúlio aparece nas narrativas a partir do momento em que sua ação política se fez a nível nacional.

ENTUSIASMO E DESILUSÃO:

ACOMPANHANDO A POSIÇÃO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO

Durante a Primeira República, São Paulo dividira com Minas Gerais a hegemonia do processo político do país através do pacto café com leite, que estabelecia que após um presidente paulista seguir-se-ia um mineiro. Em 1926 houve um rompimento na elite política paulista, tendo os dissidentes da política do PRP fundado o Partido Democrático. Em 1929, o Presidente Washington Luís deliberou que outro paulista deveria sucedê-lo para dar continuidade ao plano econômico de seu governo e apresentou a candidatura do governador de São Paulo, Júlio Prestes. Minas Gerais uniu-se ao Rio Grande do Sul e à Paraíba em torno da candidatura oposicionista de Getúlio Vargas, que foi também apoiada pelos democráticos paulistas. A derrota de Getúlio nas urnas ensejou a Revolução de 30 que, vitoriosa, depôs Washington Luís. Assumindo o poder como chefe do Go-

verno Provisório e decretando extinta a Constituição de 1891, Getúlio nomeou como interventor para o governo paulista o tenente pernambucano João Alberto Lins de Barros, embora com um secretariado constituído por membros do Partido Democrático paulista que o havia apoiado. Foi o Secretariado dos Quarenta Dias, que deixou o governo após esse prazo. A burguesia paulista se uniu contra o governo de Getúlio, organizando-se militarmente em nome da reconstitucionalização do país.

Para os partidários do PRP, a candidatura de Getúlio foi um ato de traição a Washington Luís, cuja dignidade é ressaltada na fala de Heloisa M.:²

Ele era um homem tão digno, tão correto, tão formidável... o que ele deve ter sofrido com essa traição do Getúlio. O Getúlio foi um sujo. Ele era um homem inteligentíssimo, mas muito ambicioso. Era o Ministro da Fazenda, era um homem de confiança. Então começou a fazer um complô. Porque ele não queria um outro paulista no governo. Eles queriam gente do norte. Que era o João Pessoa. Mas esse João Pessoa foi assassinado. Uma coisa de política. O tio Washington não tinha nada que ver. Tio Washington seria incapaz de se meter nesses conchavos políticos. O João Pessoa foi assassinado por cor-religionários lá dele. E disseram que tio Washington que tinha mandado assassinar. Então fizeram o tal golpe de 1930. Foi Getúlio que fez. Um sujo...

Nem todos os paulistas estavam contra Getúlio. Mesmo entre parentes, havia posicionamentos diversos, conforme relata Helena³:

São Paulo estava contra ele, mas eu me lembro que meu pai... era muito contra aquela política do PRP... Quando o Getúlio veio, eu me lembro que o nosso clima lá em casa foi de euforia. Eu me lembro que até se chocou com alguns parentes... Eu me lembro que eu fui assistir a passagem de Getúlio. Fiz questão de ir assistir. Eu me lembro que uma prima, ela era do PRP e a gente discutindo, e eu ali toda feliz assistindo a chegada do Getúlio.

Em 32, Helena mudou sua maneira de pensar:

Mas quando foi em 32 eu aderi inteiramente à revolução paulista, porque aí veio Getúlio prometendo uma constituição e nós estávamos no regime... sofrendo muita pressão da ditadura.

O pai de Wilma⁴, um dos próceres do Partido Democrático, apoiou a candidatura de Getúlio em 1930, voltando-se contra o Chefe do Governo Provisório em 1932. Wilma fala da chegada de Getúlio a São Paulo, vencedor da Revolução de 30. O relato de Wilma mostra o entusiasmo quando Getúlio assumiu o poder e a posterior decepção, acompanhando a posição política do pai:

Ah! Quando o Getúlio chegou aqui em São Paulo, nós fomos lá na cidade. O escritório de papai era na rua 15 de Novembro. Jogamos florzinhas... Ai, que horror! Que coisa terrível! Foi quando ele foi eleito pela primeira vez. Aí teve um desfile pela cidade, carro aberto, naquele tempo tinha carro aberto. E ele e o João Pessoa que era o vice dele e que morreu. Um colosso. Eu me lembro bem dessa passeata na cidade. Eu me lembro muitíssimo bem.

Os democráticos achavam que o governo paulista lhes seria entregue, mas Getúlio nomeou para São Paulo o tenente pernambucano João Alberto Lins de Barros.

Em pouquíssimo tempo já foi visto que ele (Getúlio) foi um blefe verdadeiro. E a gente achava aquilo horrível. Como, que a gente tinha achado lindo ele ter vindo para governar o País naquela ocasião! Aquela decepção foi brutal. Papai ficou muito aborrecido. Ele nunca imaginou que aquele homem não tivesse palavra. O homem era de um estilo tal, de repente mudou completamente.

O repúdio a Getúlio era manifestado publicamente, com a colocação de um pano preto na janela, em sinal de luto, quando o político vinha a São Paulo, ou ainda, fechando-se as janelas, como contou Heloisa C.⁵:

O Getúlio veio com muito boas graças, mas mamãe dizia: 'Eu fecho as janelas, porque eu estou de luto. Porque no Rio Grande do Sul ele era um caudilho, desmoralizado, bandido e eu fecho as janelas'. Mamãe era assim... 'Eu sou do Rio Grande, eu vim de lá e eu sei muito bem quem é Getúlio'.

A REVOLUÇÃO DE 32 E A IMAGEM NEGATIVA DE GETÚLIO

A Revolução Constitucionalista de 32 foi um movimento armado pelo qual o Estado de São Paulo se colocou contra o Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas e instituído com a Revolução de 30. O movimento teve início no dia 9 de julho de 1932. Contou com a adesão instantânea da população paulista de camadas favorecidas: jovens se alistaram formando-se batalhões constitucionalistas, armamentos foram fabricados pela indústria paulista, serviços urbanos foram assumidos por civis, trabalhos de retaguarda como preparação de fardamentos, alimentação para soldados e assistência médica foram assumidos por mulheres, o comércio colaborou, fez-se a Campanha do Ouro para custear as despesas de guerra. A mobilização foi intensa.

Extremamente marcante na memória das entrevistadas, a Revolução de 32 é um fato apontado por todas e lembrado até hoje com emoção, dado que membros de suas famílias dela participaram e elas mesmas se engajaram em trabalhos de retaguarda (Lang, 1993). Estas mulheres paulistas que viveram a Revolução de 32, tiveram membros de sua família participando dos combates e elas mesmas se dedicando a tarefas de apoio aos soldados constitucionistas, lembram-se ainda com emoção do movimento, manifestando verdadeiro horror a Getúlio, visto como o inimigo de São Paulo. Todos os preparativos e tarefas acima mencionados foram descritos minuciosamente em belíssimos relatos. Fatos e emoção são recorrentes nas narrativas.

Anna Maria⁶ fala dos comícios que prepararam a Revolução de 32, pedindo a constituição, aos quais ia com os irmãos mais velhos:

Então a gente ia para a Praça da Sé. Tio Alcântara tinha um escritório que dava para a Praça da Sé, nós ficávamos lá gritando: 'Abaixo Getúlio!', 'Morra Getúlio!', empolgadíssimas. Aí eu descobri que eu não era brasileira, eu era paulista. É ainda Anna Maria quem conta: Mamãe era entusiasmadíssima. Ela nunca pronunciou o nome de Getúlio Vargas, ela só dizia o "Chuchu".

A participação da família nos comícios foi também referida por Wilma:

Porque papai era Secretário da Justiça, na ocasião, da Justiça e das Forças – as Forças Armadas... a Força Pública que hoje não existe mais, era tudo isso. A direção era da Secretaria da Justiça. Não era das Forças... é que tinha outro nome que eu não me lembro. Nós íamos nos comícios. Se ele fosse falar... nós íamos em tudo que era comício de rua. (O pronome "nós" utilizado significa para Wilma seus irmãos e irmãs). Nossa Senhora! Da Revolução, você não queira saber a folia que era. Toda hora a gente estava nos comícios. Praça da República, lá na frente do Municipal, lá na Faculdade de Direito. Poucos dias antes da Revolução nós estivemos lá na Faculdade de Direito. Na de 32. Nós tomávamos muito partido das coisas. Muitos comícios. E nós íamos em todos. Tinha comícios no Largo São Francisco, em frente do Teatro Municipal. iam muitas mulheres. Ia gente de toda classe social. Sempre a nossa classe era muito mais atuante. Acho que o povo... ainda não tinha televisão para eles saberem o que estava acontecendo. Jornal ninguém lia. Muita gente não tinha nem noção do que estava acontecendo. Papai chegava da cidade e dizia: 'Vocês vão, que vocês vão gostar muito'. E a gente ia mesmo. Achava lindo!

A adesão da população foi imediata. Para lutar ao lado das tropas regulares, batalhões de voluntários foram formados: o Romão Gomes, o Piratininga, o 14 de Julho dos estudantes universitários, entre outros. Alistaram-se cerca de 200 mil

homens, mas apenas 66 mil estiveram no *front*, pois São Paulo não tinha condições de armar todo esse contingente.

O rádio desempenhou um papel importantíssimo na mobilização da população:

O rádio tocava o dia inteiro, os locutores da Revolução eram o Cesar Ladeira e o Nicolau Tuma... Quando tocavam a música 'Paris Belfort' a gente já sabia: é a hora que vão dar notícias da revolução (Wilma).

A Revolução teve início no dia 9 de julho. A indústria paulista foi direcionada para a fabricação de armamentos, a população civil se organizou em serviços os mais variados, foi feita a *campanha do ouro* para angariar recursos. Mas a inferioridade de forças e armamentos era muito grande, as derrotas se sucediam e em poucos meses São Paulo foi vencido. A paz foi assinada no dia 2 de outubro.

Anna Maria lembra a tristeza quando São Paulo foi derrotado:

Foi uma das emoções mais fortes, mais sentidas. A gente era muito moça, muito cheia de ilusões e nunca imaginou que fosse perder. Achava que o bem ia sempre vencer e o mal ia sempre perder. Para nós o mal era Getúlio e o bem era São Paulo.

Viver a Revolução, foi para esta entrevistada uma lição de civismo:

Foi uma coisa maravilhosa. Eu tinha ganho, dois anos atrás, um anel de ouro com sinete quando fui crismada. Um anel lindo, que tinha um sinete. Porque no meu tempo, escrevia-se muito e punha-se o lacre. Todas as minhas cartas eram lacradas com o AM do sinete. E na hora que pediram ouro para o bem de São Paulo, mamãe deu aliança, umas coisas que ela tinha e eu pessoalmente também queria dar uma coisa e então dei aquele anelzinho. Eu tinha 16 anos, para mim era uma coisa maravilhosa, era o que eu tinha.

Mas eu nunca me questioneei: 'Será que valia a pena ter dado?' Valia. Foi uma das maiores emoções da minha vida. Eu sou uma pessoa assim, muito vibrátil, com tudo eu vibro. Uma das maiores emoções da minha vida foi a Revolução de 32 e aquela campanha 'Dei Ouro para o Bem de São Paulo'. Não me arrependo de nada e, até pelo contrário, agradeço a São Paulo, agradeço à Revolução por ter me dado a oportunidade de vibrar, de viver o civismo.

Maria do Carmo⁷ fala das causas da Revolução de 32.

Era contra Getúlio, que era um ditador. O Getúlio veio com a turma dele, tomou conta de tudo como se fosse dono do mundo, dono de tudo. A revolução era para derrubar a ditadura. Nós queríamos a liberdade de pensamen-

to, liberdade de ação, nós queríamos ser gente, principalmente São Paulo... Era contra o Getúlio.

Também quanto às causas da revolução, Heloísa C. enfatiza a posição paulista contra o ditador:

Nós éramos contra Getúlio. Getúlio não queria dar a Constituição. Ele só foi dar em 33. Aqui o pessoal era contra o Getúlio. Se era constitucionalista, ou se era separatista, não sei. Não era uma coisa só. Era contra o Getúlio.

O manifesto horror que os paulistas ficaram de Getúlio afetava até mesmo relações familiares, como indica o relato de Georgina⁸:

Getúlio para nós cortou completamente, apesar que a minha sogra era toda do Getúlio. Minha sogra e minhas cunhadas. Imagine que elas moravam comigo. Saía tanto arranca-rabo que eu disse: "Ou você fica com sua mãe e suas irmãs, ou você fica comigo".

Causas econômicas, como o esgotamento do modelo econômico baseado na exportação do café, as conseqüências da quebra da Bolsa de Nova York e o crescimento da atividade industrial, causas certamente propiciadoras do movimento, bem como a perda da hegemonia política por São Paulo, não se fazem presentes nessas memórias. Em jogo, estava certamente a posição política do Estado de São Paulo, afastado do poder com a Revolução vitoriosa de 30. Entretanto, as motivações apontadas se condensam na figura de Getúlio, cuja imagem negativa estaria marcada pelo fator regional.

Maria A.⁹ atribui a Getúlio os problemas do Estado de São Paulo:

Mas todo mundo foi contra o Getúlio e continuou contra. O declínio de São Paulo começou com Getúlio. Ele disse: 'Eu vou amarrar o meu cavalo no obelisco de São Paulo'. Eu acho que foi o Getúlio que arrasou com São Paulo. Com essas leis todas, com essa demagogia toda de pai dos pobres. Não sei, não entendo, mas eu acho que foi ele que ajudou: muito a acabar com São Paulo.

A imagem negativa de Getúlio persistiu. Maria F.¹⁰, falando sobre João Goulart, expressa sua opinião sobre Getúlio:

Então para mim o Jango, pelo que eu ouvia, não era um homem que tivesse uma personalidade política. Era um homem que representava o Getúlio. Então esse homem não existia para mim. Era a personificação do mal, porque para os paulistas, Getúlio era a personificação do mal. Eu acho que sim, era isso.

Até o movimento que resultou no Golpe de 64 chega a ser avaliado em função da permanência da opinião sobre Getúlio, como se observa na narrativa de Anna Maria:

Para algumas pessoas, o que estava por trás do movimento de 64 era o medo do comunismo. Para mim, no entanto, era o horror de que outro gaúcho, 'cria de Getúlio' ficasse no poder.

Mesmo falando a respeito de Getúlio e de 32, Heloisa M. admite: *“Mas tinha muita gente que gostava do Getúlio. Tinha, e muitos.”*

PERÍODO CONSTITUCIONAL E ESTADO NOVO: LEMBRANÇA DE PERSEGUIÇÕES E NÃO DE REALIZAÇÕES

São Paulo foi derrotado, as eleições realizadas em 33 e a Assembléia Constituinte instalada. A Constituição de 1934 foi aprovada e Getúlio Vargas eleito Presidente do Brasil. O período constitucional teve curta duração, dado que em 1937, quando se aproximava o final do mandato presidencial, Getúlio decretou o Estado Novo, cancelando as eleições, fechando o Congresso, os partidos políticos e outorgando nova Constituição. Teve início novo período autoritário que só chegou a término em 1945, com a destituição do ditador.

Getúlio enfrentou oposições e as reprimiu com mão de ferro. Ainda durante o período constitucional, um levante comunista da ANL foi duramente debelado. Durante o Estado Novo, o Movimento Integralista, até então aceito, foi colocado fora da lei. Políticos paulistas lutavam pela derrubada de Getúlio.

Foi possível observar que todas as narradoras revelam conhecimento destes fatos, por ter lido ou deles ouvido falar, mas apenas aquelas que tiveram membros da família neles envolvidos, os descrevem detalhadamente. Tais episódios fazem parte de sua memória pessoal e da memória familiar.

Maria Helena¹¹, filha de um líder integralista, conta que quando a ANL foi perseguida por ocasião dos levantes, um jovem comunista que estava sendo procurado pela polícia getulista foi escondido por seu pai, que chegou a levá-lo para a fazenda. O esconderijo era perfeito, pois a ninguém iria ocorrer procurar o comunista na fazenda do integralista. O jovem era filho de uma amiga da família e o fato evidencia a força do valor amizade sobrepondo-se à ideologia política, fato que voltamos a verificar em outras narrativas.

O marido de Georgina¹² era um dos chefes do movimento integralista que sofreu perseguições durante o Estado Novo, sendo preso inúmeras vezes.

Isso foi quando começaram a guerrear o Integralismo em 1937. Foi uma vida tremenda. Ele foi preso várias vezes. Vinha a polícia lá em casa. Eu tinha uma almofada, não sei quem me deu, com um sigma em cima, a polícia carregou. Eu tinha papéis, documentos do Integralismo, uma porção de documentos. Uma ocasião que o Plínio Salgado foi preso, a filha mandou um monte lá para casa. Eu disse, o que eu ia fazer? Eu subi no telhado e vi que tinha uma caixa d'água vazia, peguei, taquei tudo dentro, cobri com jornal velho. Quando vieram fazer revista lá em casa, eu disse: 'Querem subir lá em cima?' Ofereci. 'tem uma caixa d'água'. 'Não precisa, não senhora', não sei o que. Eu estava cheia de documentos do Integralismo.

Em outra ocasião, um amigo bispo católico que almoçava em sua casa no momento em que chegou a polícia, acompanhou o marido até a prisão exigindo garantias de vida.

O pai de Wilma, lutando pela derrubada do Estado Novo, foi preso quatorze vezes.

E de vez em quando vinha a Polícia Social, prendiam o papai, porque ele 'devia ter' trazido panfletos do Dr. Armando. (*Armando de Salles Oliveira, ex-Governador de São Paulo e candidato à Presidência na eleição cancelada, estava exilado na Argentina*). A Mamãe já estava acostumada. Então ela arrumava a malinha dele com todas as roupas. Malinha de preso. E ele dizia: 'Wanda, reforce os pijamas. Porque a maioria é a primeira vez que são presos, então chegam lá sem nada. É para eu poder emprestar'. Uma vez foi na Revolução e depois, uma atrás da outra ele era preso. Durante o Estado Novo ele continuava sendo preso a toda hora.

O pai de Maria F., que fora deputado federal pelo PRP, correligionário e amigo de Washington Luís e exilado em 30, também participava da conspiração para derrubar Getúlio.

Eu me lembro que houve... foi em Louveira na fazenda dos Mesquitas. Aí eu já era moça. Era em Louveira e o Collor tinha fugido do Getúlio não sei para onde, e eu sei que ele pediu a papai que recebesse as filhas dele aqui em São Paulo. Elas vieram então para cá, e ele estava parece que no Rio Grande que era a terra dele, não me lembro aonde. E uma noite, não sei bem o que houve em Louveira, mas que foi uma coisa de política, porque eu me lembro muito bem que foi uma noite de temporal, que nós saímos daqui de São Paulo no meio da noite, não sei se foi para fugir ou se foi para conspiração, porque nós saímos, o meu pai, eu e as duas filhas do Collor que estavam hospedadas conosco. ... Havia uma reunião de políticos lá. Não me lembro quais, mas estavam hospedados em Louveira. ... Por isso que eu te digo que talvez

fosse uma espécie de fuga. Porque a troco de que papai havia de nos levar no meio da noite?

Nas memórias aqui referidas, Getúlio aparece como o ditador cruel, o perseguidor. As realizações de seus longos anos de governo não são sequer mencionadas.

Esta imagem referida ao período do Estado Novo, de Getúlio ditador sufocando as oposições, é nuançada pela origem riograndense da família, como exemplifica Maria Paula¹³, ou por relacionamento pessoal como no caso de Maria Helena, cuja mãe era paulista mas o pai gaúcho e que guarda lembranças de Getúlio, ainda do tempo de sua infância:

Outra coisa que eu me lembro também da minha infância ainda, que como o Getúlio era gaúcho, o papai era gaúcho, eu passava as minhas férias muito no Rio de Janeiro, na casa de uma irmã do papai que tinha uma casa de campo em Itaipava. E o meu tio, marido da minha tia, era ministro do Tribunal no Rio, acho que o Supremo Tribunal. E o tio Alencar era muito amigo do Getúlio. O Getúlio ia muito lá. Então eu me lembro disso, que eu era menor, e o Getúlio brincava muito com a gente, com as minhas primas que estavam lá, e eu gostava do Getúlio. Mas aqui em São Paulo o pessoal tinha horror do Getúlio. Então eu tinha assim uma certa ambigüidade. Eu não podia falar bem do Getúlio, que gostava dele, porque não caía bem no meu grupo que eu andava. E aqui todo mundo chamava o Getúlio de ditador. Claro que eu sabia que ele era ditador, mas aqui em São Paulo, de uma maneira geral o pessoal não gostava do Getúlio. Eu tinha essa outra ligação com o Getúlio.

REELEIÇÃO E SUICÍDIO: IMAGEM MARCADA PELA CLASSE SOCIAL

Em 1950 Getúlio foi reconduzido à Presidência pelo voto popular. Em 1954, as oposições exigiam a renúncia, mas Getúlio optou pelo suicídio deixando à nação a *carta-testamento*.

As primeiras lembranças políticas de Lola¹⁴ e de Cristina¹⁵, ambas nascidas no ano em que caiu o Estado Novo, referem-se a Getúlio e evidenciam a posição de classe influenciando na imagem sobre ele.

Conta Lola:

E então, o que eu me lembro bem, quer dizer, a minha primeira lembrança política era um clima, o clima que antecedeu o suicídio de Getúlio em 54. Portanto eu tinha 9 anos, 8 anos, alguma coisa assim e foi quando eu comecei a perceber que algo, algo estranho acontecia.

Em sua casa havia dois partidos: o dos patrões e o dos empregados.

Quer dizer, ali tinha... em casa tinha dois partidos, não é? O partido das empregadas que eram pró-Getúlio, petebistas, adoravam Getúlio, ouvia-se a Rádio Nacional, lia-se a Revista do Rádio, isso no quarto das empregadas; e, na sala de visitas, então, escutava-se muito o rádio, o noticiário todos escutavam, eu diria, era uma situação muito tensa, muito tensa. Eu me lembro bem disso, fica gravado até hoje...

O episódio da Rua Toneleiros evidenciou o clima de tensão, a expectativa de golpe.

Então, o crime da Rua Toneleiros, isso eu me lembro como se fosse hoje, quer dizer, a tensão, o nervosismo. E a minha tia, irmã da mamãe, mora até hoje no Rio de Janeiro. Então ela telefonava e conversava com a minha mãe em código. Código tipo assim: tinha um código para dizer que ia ter golpe, não é? Então, 'Giuseppe vem aí', 'mas o Giuseppe chega, quando chega o Giuseppe?' Então, daí a minha tia dava as coisas e então a palavra, cada vez que era anunciado o 'Giuseppe', tinha-se de ir ao mercado comprar, estocar tudo porque ia faltar comida, ia faltar água, ia faltar... então se enchia banheiras, garrafões e era uma trabalhadeira desgraçada para esperar o 'Giuseppe'... Cada família tinha o seu jargão, o seu código para dizer isso... mas era uma preocupação muito grande.

A posição política da família durante a crise podia variar, mas para as empregadas da casa, a situação era vista de forma bastante diversa:

Meu pai mantinha-se assim, eu tenho a impressão que meu pai era mais PSD. Ele gostava muito do Ulisses Guimarães, freqüentava muito a casa do doutor Ulisses, então era mais, eu diria, mais para PSD. Minha mãe, minha tia do Rio de Janeiro, udenistas 'de carteirinha', coisa impressionante! Então tudo isso, quer dizer, o crime, Tenório Cavalcanti, 'a lurdirinha', a capa preta, eram as coisas que se falavam, não é? No quarto das empregadas, a versão era outra. E, aí, eu me assustava porque a mesma conversa era levada no quarto das empregadas, mas com outra versão. Como eu era menina pequena, eu circulava. Eu tinha livre acesso aos... a todos os lugares e entrava e as pessoas, às vezes, nem reparavam que tinha uma criança que tinha entrado e continuavam conversando. E eu era muito quietinha, tímida, caladinha, então eu ficava escondidinha e eu ouvia as conversas e tal, e tinha dias até que eu ia de um lado para outro, do quarto das empregadas para a sala, da sala para o quarto das empregadas e achava muito gozado aquilo, os mesmos fatos vividos e con-

tados e comentados de formas tão diferentes. Eu me lembro que essa foi uma coisa que me marcou muito.

Outra coisa que me marcou muito foi o dia da morte do Getúlio. Eu estudava à tarde, eu estava de manhã, tinha ido brincar com a minha vizinha, Deise, eu morava na Rua Peixoto Gomide, brincar de casinha, eu brincava de boneca ainda, de casinha, tal etc., e aí veio acho que a Julieta minha irmã dizendo: 'Lola, vamos para casa que o Getúlio morreu'. E aí, eu saí gritando: 'Getúlio morreu! Não vai ter aula!' e daí eu vim pela rua Peixoto Gomide gritando 'Getúlio morreu, Getúlio morreu'. Aí eu cheguei em casa e vi que as empregadas estavam de olhos vermelhos, chorando, desesperadas, e minha mãe muito tensa, muito nervosa, queria que eu ficasse dentro de casa porque não sabia o que ia acontecer com o suicídio do Getúlio - se as massas enraivecidas iam sair às ruas para depredar, o que ia acontecer, porque era um momento de tensão. E aí eu cheguei em casa e levei um beliscão da minha mãe, porque não era o momento de demonstrar alegria nenhuma, porque era um momento de grande tensão e tal. Então, essas foram as minhas primeiras memórias políticas, eu diria.

O relato de Lola mostra claramente a consciência do significado de Getúlio para diferentes classes sociais. Para as camadas populares a morte de Getúlio trouxe um sentimento de pesar, de perda de um ente querido, de um protetor; para as camadas favorecidas, o sentimento era de insegurança face a uma possível consequência, configurada na revolta das massas.

Maria Helena fala das leis trabalhistas e da veneração do povo.

A única coisa ficou para mim, que realmente eu me lembro, que eu achava formidável, foi que foi ele que começou com as leis de trabalho aqui no Brasil, a legislação trabalhista, bem ou mal o salário mínimo, tudo isso foi o Getúlio que começou. Queira ou não queira, foi o Getúlio que começou. Antes dele não tinha nada. Por isso que o povo tinha veneração pelo Getúlio. Era impressionante. Eu me lembro quando eu comecei a trabalhar... eu fazia visitas em casas e coisas assim, o Getúlio era venerado. Tanto que ele foi eleito com uma votação maciça aqui em São Paulo. É impressionante como o povo gostava do Getúlio. No dia que ele morreu, foi uma choradeira tremenda. Eu me lembro bem do dia que ele morreu, eu estava em casa. Eu estava morando no Alto de Pinheiros. Eu tinha comprado um terreno que eu ia construir. Comprei o terreno, comecei a construir, depois precisei entregar a minha casa, vendi a casa para construir a outra; então nós alugamos uma casa aqui no Alto de Pinheiros, e eu morava nessa casa. Eu me lembro que a empregada subiu a escada: 'Dona Maria Helena, morreu o Getúlio!' chorando, 'Ele se suicidou!' Isso tudo eu me lembro. Mas foi uma época em que eu não participava. Me lembro da comoção do povo, dos movimentos na rua, foi realmente uma coisa!

Cristina conta de uma empregada da família, ex-escrava, que tinha verdadeira adoração por Getúlio.

Foi criada pela minha bisavó uma preta velha... e ela criou a todos nós. E ela tinha uma verdadeira adoração por Getúlio Vargas. Ela não perdia um comício dele. Então nós vivíamos muito o Getúlio Vargas através dela, quando a gente era criança. Adorava. Não, ela adorava, ninguém interferia porque ela era apaixonada. Era amor mesmo... porque naquela época, os pretos, ela achava que não eram suficientes para ela. Branco, ela não queria, nem os brancos queriam ela. Então, era gozadíssimo isso, a paixão que ela tinha...

Perspectiva oposta foi relatada por uma entrevistada, referindo-se a uma parente que, ao saber da morte do Getúlio, telefonava de noite, indiscriminadamente noticiando: *'Eu disco qualquer número, minha filha - Viva o Brasil, viva São Paulo, o Getúlio morreu'*. É a evidência da imagem negativa que permanecia.

IMAGEM RETRABALHADA: SURGE O ESTADISTA

Anos passados, a imagem de Getúlio é retrabalhada. Para algumas mulheres paulistas, entretanto, a imagem negativa permanece, certamente um resquício de 32. Entretanto, outras fazem uma reavaliação da imagem de Getúlio, levam em conta as realizações de seu Governo e passam a vê-lo como um estadista.

É o caso de Albertina¹⁶:

Eu acho que foi um grande estadista. Minha opinião particular. Ninguém acha, ninguém gosta dele, mas eu acho. Eu não era getulista, eu sempre fui contra, porque eu não perdoava o que ele fez para São Paulo. Nunca perdoei. Mas eu acho que ele foi um grande estadista.

Também Cecília¹⁷ faz uma reavaliação da imagem de Getúlio. A avó de Cecília, apesar de gaúcha, tinha horror de Getúlio. Cecília conta o caso de um visitante gaúcho que a avó impediu de entrar em sua casa, por ser partidário do Getúlio.

Um conhecido dela, na revolução, nos primeiros dias, em 30 mesmo, no ano de 30, era parente dela e veio visitar. Eu me lembro desse dia, dessa noite, aliás, ela estava fechando a veneziana do quarto da Ricardina e veio visitá-la um parente do Rio Grande, que era da Revolução, que era do Getúlio: *'Tu na minha casa não entras'* - lá é 'tu', tudo é tu no Rio Grande. Porque ele era do Getúlio, então ela não queria que ele entrasse. Isso em 30, não é? (...) Ela não gostava do Getúlio; era contra os paulistas também naquele tempo.

Na Revolução de 32, toda a família de Cecília se engajou, segundo ela São Paulo inteiro participou.

E aí começou lá em casa, e todo mundo era contra o Getúlio, porque o Getúlio veio contra o Washington Luís.

Mas Cecília tem hoje uma imagem favorável de Getúlio:

Mas o Getúlio, na minha opinião, foi um grande homem. Naquele tempo, todo mundo era contra o Getúlio. Aqui o Estado de S. Paulo metia a bronca sem parar no Getúlio, porque tinha brigado por causa daquilo (*Revolução*) não é, por tudo isso. Mas o Getúlio nos deu o voto secreto, a primeira coisa: não tínhamos o voto secreto. Depois ele nos deu as leis trabalhistas, que não havia leis trabalhistas no Brasil, ele nos deu... - ainda ontem eu estava falando, uma outra coisa importante: essas políticas, uma outra coisa importante para a nação, para o desenvolvimento, que todo mundo tinha no mundo inteiro e aqui não tinha... eu não sei mais o que era... E depois, por último, a Siderúrgica de Volta Redonda... Depois o azar dele foi aquele Gregório, do Carlos Lacerda, Carlos Lacerda! Era um homem inteligente, a mamãe gostava do Carlos Lacerda. Era um homem inteligentíssimo e falava muito bem, mas ele metia o pau, metia o pau, metia o pau com razão ou sem razão, metia o pau... Ele foi tremendo, ele que derrotou mesmo... foi quando ele foi ameaçado de morte, houve aquela coisa (*atentado da Rua Toncleiros*) que ele quase morreu. Todo mundo tinha uma imagem péssima do Getúlio, e ele fez tudo isso para o Brasil. E agora que nós estamos olhando para trás é que nós estamos vendo o que ele fez... Ai meu Deus do Céu, eu acho agora, estou revendo o Getúlio, estou achando que ele deixou uma coisa muito boa para o Brasil, viu! É, mas foi um período muito grande, tinha de fazer alguma coisa nesse período: foi então o voto secreto, as leis trabalhistas, coisas importantes para o Brasil.

Maria Paula destaca a atualidade das ações do governo de Getúlio.

O Getúlio foi para mim um gênio político. Eu acho ele fora e acima de tudo isso que eu estou falando. Eu acho que ele olhou o Brasil como ninguém. Ele viu coisas de 30 anos que são atuais. Você pega... eu peguei agora uns pedaços desse livro... desse diário da neta... achei incrível... que a linguagem... Ele conseguiu falar de uma mulher e mantê-la em tal respeito que quando foram entrevistar, ficou o Brasil boquiaberto, com uma mulher tão linda, que ninguém tinha visto. Então ele consegue até hoje só se aproximar de coisas decentes e limpas. (...) Estou vivendo para reabilitar duas figuras brasileiras muito interessantes: o Getúlio e a Carmen Miranda. Toda a história da ditadura dele foi revista, depois foi passada a limpo.

REFLEXÕES

MEMÓRIA: O TEMPO REVIVIDO, O TEMPO REAVALIADO

Entrevistadas que focalizam Getúlio em um tempo determinado e que recordam fatos e feitos políticos de que participaram intensamente, tendem a lembrá-los com grande emoção. Esta vivência se fez através da família, grupo cuja atuação está muito presente nestas recordações. É sempre com alguma referência a membros do grupo familiar que os episódios são lembrados. A vivência dos fatos políticos está visivelmente marcada pela posição política do grupo familiar e do Estado de São Paulo face ao poder central e do grupo familiar. A própria imagem do político se modifica no decorrer do tempo, quando ocorre mudança na posição política da família.

Ao reviver os fatos da década de 30 (Revolução de 32, Levante Comunista, Movimento Integralista, Estado Novo), retomam a imagem do ditador odiado. Entretanto, o distanciamento no tempo e talvez a própria força da figura de Getúlio, levam a uma reavaliação de sua imagem. Nesta, em lugar da emoção tem lugar a razão e os argumentos utilizados prendem-se às realizações do Governo.

Ainda neste caso são diversos os resultados obtidos daqueles a que chegou o estudo com familiares de Getúlio e políticos de outros Estados. Não é o líder, o pacificador, o homem de negociação que definem o estadista, mas as obras do governo.

IMAGEM MARCADA PELA CLASSE SOCIAL E PELA REFERÊNCIA REGIONAL

Estudos anteriores que trabalharam com camadas populares, haviam mostrado a imagem de Getúlio como "o pai dos pobres". Esta imagem não é de forma nenhuma encontrada na avaliação de nossas entrevistadas, mulheres de camada favorecida, sobre o político. Entretanto, elas conhecem essa visão das camadas populares, tendo mesmo testemunhado sua ocorrência através de pessoas com as quais tinham contato, como as empregadas da casa.

A referência negativa a Getúlio Vargas, prende-se às Revoluções de 30 e 32 e à posição de oposição a que foi conduzido o Estado de São Paulo, alijado do poder. Observamos contudo, que a perda do poder pelo Estado de São Paulo não é mencionada, sendo a oposição focalizada na pessoa do governante. As mulheres entrevistadas pertenciam à mesma camada social que a elite política então alijada do poder.

As opiniões são quase sempre referidas ao grupo, expressas como partindo de um grupo, em geral da família. O pronome utilizado é geralmente o *nós*, pri-

meira pessoa do plural. Quando se trata da reavaliação, esta é apresentada como uma opinião própria, como disse Cecília: *Mas o Getúlio, na minha opinião, foi um grande homem. Naquele tempo todo mundo era contra o Getúlio, aqui...*

Tivemos como entrevistadas mulheres com diferente relacionamento com o campo da política. Entretanto, quanto à imagem de Getúlio Vargas, o peso do contexto político regional revelou-se mais decisivo que a forma de inserção na política. Mostrou ainda a análise que mesmo mulheres que eram apenas eleitoras tinham conhecimento dos fatos políticos, indicando uma vivência do campo da política na camada social a que pertencem, a existência de um *habitus* da política fazendo parte de seu estilo de vida (Bourdieu, 1972). É este *habitus* que faz com que os fatos políticos sejam acompanhados, julgados e reavaliados, que sejam vistos como um fato natural e cotidiano.

SEMPRE UMA VERSÃO

Comparando a imagem de Getúlio Vargas, delineada nas narrativas por nós coletadas junto a mulheres paulistas de camada favorecida – do traidor, do ditador que prejudicou São Paulo, homem rancoroso, sem palavra, a “personificação do mal”, imagem contudo reavaliada mais tarde – com a imagem do pai dos pobres e do estadista também obtidas através de relatos orais, mas coletados por outros autores junto a pessoas de outras camadas sociais e inseridas em outra conjuntura, temos presente que estamos face a versões.

Uma das maiores possibilidades oferecidas pela história oral, diz certamente respeito à apreensão de versões de classes ou camadas sociais que precisam ser devidamente qualificadas para que a versão seja compreendida como referente a determinada parcela de uma sociedade cuja heterogeneidade reconhecemos e buscamos compreender.

É nesse sentido que Ecléa Bosi afirma: “A memória dos acontecimentos políticos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito. O primeiro passo para abordá-la, parece, portanto, ser aquele que leve em conta a ‘localização de classe’ e a ‘profissão’ de quem está lembrando para compreender melhor seu ponto de vista” (Bosi, 1979, p. 371).

Nas narrativas por nós coletadas, delineou-se o perfil de Getúlio Vargas ditador, representação que se contrapõe radicalmente ao retrato anteriormente delineado do pai dos pobres.

Estas imagens extraídas dos relatos obtidos não se fixaram em apenas uma ou outra memória, mas são recorrentes nas lembranças destas pessoas de uma mesma camada social, configurando uma versão determinada certamente por con-

dições de classe e de conjuntura onde a questão da política regional se faz presente, constituindo parte integrante de uma memória coletiva (Halbwachs, 1990).

A história oral permite exatamente que se somem versões, mas desde que seus portadores sejam sociologicamente qualificados. Trabalhando através de uma perspectiva sociológica, buscamos, através do conhecimento de variadas versões, relacionadas cada qual a grupos sociais determinados, obter conhecimentos sobre a sociedade em que tais grupos se inserem. É pois a qualificação sociológica que confere sentido às versões obtidas pela história oral.

ABSTRACT: Getúlio Vargas is a politician who left very profound and most controversial images in the memory of Brazilians from different social classes - as the "father of the poor" for the lower classes and the "statesman" for politicians and relatives and the image of a "perverted and angry dictator" for the São Paulo state elite. This last one was reviewed over the years, when the achievements of his government were considered and the statesman came up. This article brings up how oral history works with versions related to sociologically qualified individuals and groups, allowing the acknowledgement of the period through various perspectives.

KEY-WORDS: Getúlio Vargas - versions - memory

NOTAS

1. A pesquisa fez parte do Projeto Integrado *Família em São Paulo* realizado com o apoio do CNPq em duas etapas, de 1992 a 1997. Participaram do sub-projeto, na fase final, os bolsistas Nilce Marcondes e Hélio Lélis Leite.
2. Heloísa M. nasceu em São Paulo em 1904, filha de um médico. Estudou em casa com professores particulares, casou-se com um engenheiro e teve 3 filhos. Ficou viúva com 32 anos. Heloísa nunca trabalhou profissionalmente, mas sempre se dedicou a obras assistenciais. Publicou um livro de memórias. Era sobrinha da esposa do ex-Presidente da República Washington Luís.
3. Helena nasceu em 1913, em São Paulo, filha de um juiz de Direito. Formou-se em Filosofia e Serviço Social, fez carreira docente e foi diretora da Escola de Serviço Social da PUC-SP. Participava de um grupo de estudos que ingressou na política incorporando-se no PDC na década de 40. Foi vereadora e Secretária Municipal do Bem Estar Social. Helena não se casou.
4. Wilma, de família numerosa, nasceu em 1915, filha de um Professor de Direito que era político e foi exilado em 32. Wilma formou-se pela Escola Normal Caetano de Campos, mas nunca exerceu o magistério. Casou-se com um advogado, com quem teve 5 filhos. Sempre trabalhou em obras assistenciais como voluntária.
5. Heloísa C. nasceu em 1911, filha de um Professor da Escola Politécnica. Casou-se com um Professor da Faculdade de Medicina, teve 7 filhos. Não tem políticos na família. Trabalhou em uma pequena empresa familiar para dar apoio aos filhos.
6. Anna Maria nasceu em 1916. O pai era um grande comerciante. Estudou em colégio católico em São Paulo e em Paris. Os irmãos eram ligados a meios de comunicação, casou com um industrial e teve 8 filhos. Trabalhou em obras assistenciais e não tem políticos na família.
7. Maria do Carmo nasceu em 1906. Filha de um advogado, tinha um tio político. Estudou em casa, com professores particulares. Dedicou-se a obras assistenciais, dirigindo a escola da Liga das Senhoras Católicas. É desquitada, tem dois filhos e netos.
8. Georgina nasceu em 1904, filha de um advogado. Pertencia a uma família de políticos. O avô materno foi Presidente do Estado de São Paulo, cargo ocupado pelo bisavô durante o Império. Outro bisavô era republicano histórico. Georgina estudou em colégio católico e casou com um político que foi um dos líderes do Movimento Integralista e posteriormente, membro de um governo paulista. Trabalhou como funcionária pública concursada.
9. Maria A. nasceu em 1909, filha de um cientista. Estudou em colégio católico, casou com um industrial, teve 7 filhos. Nunca trabalhou profissionalmente, nem tem políticos na família. Tirou o título eleitoral em 1933.

10. Maria F. nasceu em 1917, filha de um advogado e político que foi exilado em 32. Estudou com professores particulares e formou-se em Filosofia. Casou-se com um médico, tem 2 filhas. Participou da direção de uma associação cívica, o MAF, como secretária.
11. Maria Helena nasceu em 1928, filha de um engenheiro que também era político. Formou-se na Escola de Serviço Social, casou com um médico. Como voluntária, dirigiu uma associação voltada para a formação de jovens. Voltou a estudar fazendo Pós-Graduação e ingressou no serviço público, na Secretaria do Bem Estar Social onde fez carreira, chegando a Secretária Municipal na gestão de Jânio Quadros.
12. Georgina nasceu em 1906, filha de um advogado. Pertencia a uma família de políticos. O avô materno foi Presidente do Estado de São Paulo, cargo ocupado pelo bisavô no período do Império. Outro bisavô era republicano histórico. Georgina estudou em colégio católico e casou com um político que foi um dos líderes do Movimento Integralista e posteriormente, membro de um governo paulista. Trabalhou como funcionária pública concursada.
13. Maria Paula nasceu em 1931. O pai era um político gaúcho. Maria Paula formou-se pela Escola Livre de Sociologia e Política, sempre trabalhou profissionalmente. Como voluntária, dirigiu a União Cívica Feminina. Maria Paula não se casou.
14. Lola nasceu em 1945, filha de um engenheiro e industrial que foi também diretor de uma faculdade. Lola estudou em colégio católico e na Escola Livre de Sociologia e Política. Participou dos movimentos de contestação ao regime de 64 e teve de deixar o país. Morou na França e na Suécia, é casada, tem 2 filhos e, na ocasião da entrevista, era Chefe de Gabinete de um Secretário do governo paulista.
15. Cristina nasceu em 1945, filha de um advogado. Estudou em colégio católico e é advogada, mas só exerceu a profissão logo depois de formada. Casou-se com um médico, tem 3 filhas e administra os bens da família. Não tem parentes políticos.
16. Albertina nasceu em 1914 em Cerquilha (SP), filha de imigrante libanês. Normalista, foi professora e diretora de escola. Quando Cerquilha foi desmembrado de Tietê, em 1947, foi eleita vereadora, exercendo dois mandatos e deixando a política quando se casou, por imposição do marido.
17. Cecília nasceu em 1915, estudou em colégio católico e formou-se em Letras Neolatinas. Depois do casamento, deu aulas particulares e trabalhou algum tempo como tradutora. Participa de uma associação beneficente e não tem políticos na família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTAUX, Daniel. "Los relatos de vida en el análisis social". In: *História y Fuente Oral*, 1989.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo. T.A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Génève, Librairie Droz, 1972.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990 (1ª Edição, 1950).
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. "História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta". In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1995.
- _____. *Um fato e uma versão: a Revolução Constitucionalista de 32*. Anais do Encontro de História e Documentação Oral. Brasília, 25 e 26 de novembro de 1993.
- LIMA, Valentina da Rocha (org.). *Getúlio - uma história oral*. Rio de Janeiro, Record, 1986, (2ª edição).
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo, Contexto, 1994, (3ª edição).
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1991.